



TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM ADOLESCENTES

Área Temática: Cultura

Edson Santos Silva¹(Coordenador da Ação de Extensão)

Talita Baladin²

Diego Farias do Bonfim³

Palavras-chave: jogos teatrais; extensão universitária; escola.

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência extensionista com oficinas de teatro em uma escola privada no município de Irati – PR. A oficina aconteceu no segundo semestre do ano de 2012, envolvendo três acadêmicas para desenvolver o projeto e aproximadamente dez alunos participando das atividades. Ao longo dos treze encontros realizados foram evidenciados três resultados principais: aquisição de confiança enquanto grupo, desenvolvimento da liberdade de expressão e desenvolvimento da autonomia para criação. Para além do teatro convencional, as práticas teatrais, conforme pôde-se constatar, se voltaram para a formação de multiplicadores de transformação social. Reconhecem-se as limitações do trabalho, sem poder acompanhar os resultados ou mesmo continuar trabalhando por um período maior de tempo. No entanto, acredita-se ter conseguido apresentar o teatro para os adolescentes como algo possível de ser utilizado para realizar pequenas transformações em prol da melhora do lugar em que vivem.

Na história da humanidade as pessoas têm se relacionado com a interpretação e, de forma mais direta, com o próprio teatro. Assim, data do tempo das cavernas a utilização de gestos e encenações com os quais os homens representavam às mulheres e crianças das tribos nômades as grandes caçadas que haviam realizado.

Ao longo dos séculos o teatro foi se propagando por todo o mundo e assumindo diversas funções. Ao mesmo tempo, suas técnicas se diversificaram conforme a finalidade para que era utilizado: seja pela dramaturgia, pela encenação, pelos jogos grupais. Da mesma forma, inúmeros foram os contextos, convencionais

¹ Doutor em Literatura Portuguesa, docente do departamento de Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO, campus Irati).

² Acadêmica do 5º ano de Psicologia, Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO, campus Irati).

³ Acadêmico do 1º ao de Letras-Inglês, Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO, campus Irati)



(como os locais próprios denominados teatros, apropriados por grupos amadores e profissionais) e não convencionais (como praças, escolas, igrejas, centros de assistência e centros comunitários). Neste relato de experiência, será enfocada uma oficina de teatro com adolescentes em uma escola.

Iniciamos a oficina no segundo semestre do ano de 2012, com um projeto de extensão em Cultura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Ela destinava-se aos adolescentes matriculados no ensino médio de uma escola privada, localizada no município de Irati, estado do Paraná, mesmo local em que os encontros seriam desenvolvidos. A proposta era de introduzir os participantes nos jogos teatrais de forma geral, por meio de exercícios básicos, pois nenhum dos estudantes havia tido qualquer contato mais profundo com o fazer do teatro, a não ser enquanto plateia/espectador. Desta forma, não havia a finalidade encenar uma peça, mas praticar jogos teatrais.

Visamos apresentar o teatro enquanto ferramenta político-social de construção da liberdade de expressão e fortalecimento da autonomia dos participantes, articulando os jogos teatrais com o olhar da psicologia sócio-histórica sobre o sujeito e o período da adolescência, visto que duas das acadêmicas são graduandas em psicologia e levavam seu olhar para o trabalho extensionista. Desta forma, o teatro pôde ser discutido na escola enquanto formador e multiplicador de lideranças políticas e sociais. Esta ideia aponta para a possibilidade de instrumentar pessoas para que possam ousar saírem de suas zonas de conforto e submissão para criarem, por meio de suas práticas, opinião e, por consequência, alimentar ações que favoreçam melhora da qualidade de vida da comunidade em que vivem.

O olhar da psicologia sócio-histórica sobre a adolescência

Utilizamos-nos do referencial sócio-histórico de constituição do homem para caracterizar o período da adolescência. Com isto, superamos o retrato desta fase do desenvolvimento humano em termos essencialmente biológicos e que caracteriza o adolescente como o sujeito que está na faixa etária de aproximadamente 13 a 18 anos, valorizando a adolescência como um período ligado a processos biopsicossociais. Assim, o olhar volta-se para compreensão da humanização pautada na interação a que cada pessoa se expõe desde o nascer.

Bock (1999) baseia-se no trabalho de Leontiev para caracterizar o desenvolvimento humano a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos. Para estes autores, as relações consideradas fundamentais ao homem referem-se àquelas estabelecidas com outros homens. Logo, o termo 'social' não aponta para a interação do sujeito com seu meio ou com as significações e práticas que constrói para sobreviver, mas sim às trocas humanas. Assim, a psicologia da adolescência com referencial sócio-histórico visa desnaturalizar esta fase da vida enquanto processo biológico pautado no tempo de vida e em mudanças orgânicas, mas complementando a tais transformações (que se pautam no corpo) o desenvolvimento psicossocial (construído pelos homens).

Após a explanação desses pressupostos, apontamos que compreender o desenvolvimento humano desta forma nos permite discutir dois pontos principais:



primeiro, que a adolescência não é consequência de um processo natural; e segundo, que a diversidade humana de ser é constituída por meio de ações transformadoras, fruto das relações sociais que os sujeitos estabelecem nos mais diversos contextos em que estão alocados (BOCK, 2004). Diante destas colocações nos questionamos acerca dos vínculos que os jovens estabelecem com a sociedade em que vivem: como se colocam e expressam sua opinião? De que forma atuam em prol de sua autonomia? Como seria possível tornar a comunidade em que vivem um lugar melhor? É neste ponto que acreditamos no teatro enquanto potencializador de práticas relacionadas à autonomia.

Teatro na escola: instrumento para libertação e autonomia

Optamos por trabalhar com a noção de um teatro crítico e ativo, que atua em relação dialética com as pessoas, procurando problematizar as questões de seu cotidiano e gerando um movimento automático de reflexão acerca do que já está dado (PEIXOTO, 1988). Diante disso, o teatro pode ser entendido também como uma ferramenta de tomada de consciência das relações cotidianas que cada sujeito estabelece nos mais diversos grupos. Tanto para o ator como para o espectador “um espetáculo pode ser não o simples reconhecimento de sua subjetividade, mas sim o conhecimento de sua existência como ser social” (PEIXOTO, 1988, p. 29), visto que o sujeito pode se colocar e se reconhecer na realidade. A estética do oprimido desenvolvida por Augusto Boal, por sua vez, potencializa as práticas teatrais, aliando a Arte à vida. Assim, o teatro do oprimido postula que qualquer pessoa é capaz de atuar e, por meio de uma série de exercícios e jogos, criar cenas que tratam dos problemas sociais. O mais interessante da proposta de Boal (2003) é que esta forma de fazer teatro favorece a busca e planejamento de ações para lidar com as situações opressivas vividas em uma cena que foi discutida e encenada por um grupo.

Diante disso, é possível afirmar que o exercício do teatro, ou o contato com elementos desse meio, se constitui uma ótima ferramenta no ambiente escolar, pois tem muito a contribuir com o desenvolvimento social e cognitivo do aluno, não só como um meio de externar emoções e sentimentos, mas criando condições para a reflexão a respeito das próprias atitudes e de seu papel social (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010). Mesmo que as vivências destes adolescentes não sejam explicitamente opressivas, sempre se é possível pensar em melhores condições de vida.

METODOLOGIA

O Projeto de extensão “Vamos fazer Arte na UNICENTRO?” trata-se de um projeto de extensão permanente e de caráter multidisciplinar em funcionamento desde 2009, no campus universitário de Irati – PR. Na oficina em questão participaram assiduamente aproximadamente dez alunos, meninos e meninas. A escola mostrou-se aberta para a utilização do espaço, inclusive disponibilizando materiais que precisassem ser eventualmente utilizados. Assim, os encontros da oficina aconteciam na quadra de esportes da escola semanalmente, com duração de 1h15min aproximadamente. Neles trabalhamos conforme as seguintes etapas nos



treze encontros que tivemos: entre os meses de julho e setembro utilizamos jogos voltados para aquisição de confiança e aproximação/interação entre participantes do grupo, visto que alguns não tinham contato anterior; em outubro, exercícios básicos de teatro, voltados para expressão e sensibilização corporal, assim como expressão vocal e dicção; no mês de novembro desenvolvemos atividades de improvisação e mímica e em dezembro ocorreu o encerramento das atividades do ano de 2012, com apresentação de jogos teatrais no evento de encerramento do ano letivo da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados da oficina apresentamos três eixos principais que se fizeram gradualmente mais presentes conforme o processo da oficina: aquisição de confiança enquanto grupo, liberdade de expressão e autonomia para criação. Ressaltamos que ao longo de todo o processo procuramos avaliar juntamente aos participantes o desenvolvimento da oficina e pensar em propostas para continuidade no próximo ano.

Confiança grupal

Com relação à confiança grupal, os exercícios propostos visavam que os participantes da oficina inicialmente se conhecessem, em caso de serem de turmas diferentes e não terem contato anterior, e gradualmente confiassem mais nos colegas, com a finalidade de estarem abertos a criações coletivas. Por consequência deste processo estão a liberdade de expressão e própria autonomia nas criações teatrais.

Entendemos que a confiança no grupo é elemento fundamental. Para o trabalho, resgatamos os objetivos do teatro do oprimido, fortalecendo o vínculo entre os participantes para que, com as práticas teatrais, pudessem vencer receios e criar um sentimento de identidade grupal (BOAL, 2003). Para Teixeira (2007, p. 335) “o vínculo estabelecido entre os participantes através das oficinas propicia a organização de grupos para a discussão de problemas sociais em busca de soluções alternativas”, logo é ao mesmo tempo meio de divulgação das ideias e articulador de propostas para qualquer tarefa a que um grupo se proponha realizar.

Relacionando as considerações acima com a adolescência enquanto processo sócio-histórico (BOCK 1999; 2004) é possível potencializar o adolescente como líder social tendo as práticas teatrais como principal ferramenta de trabalho. Assim, partindo de um desenvolvimento inicialmente grupal e que poderia se tornar comunitário, por que não? Eis o teatro transpassando o conceito de multiplicador, prática bastante utilizada nas ciências da saúde, que é a de proporcionar a formação continuada dos sujeitos que se encontram diretamente ligados com determinada problemática para que estes tenham condições, diante de grupos maiores, de coordenar intervenções e desenvolver cursos de formação para outros multiplicadores, ampliando assim a rede de lideranças implicadas na problemática inicial (PEDRAZZANI *et. al.*, 1998).



Liberdade de expressão

Por consequência da confiança grupal, verificamos entre os participantes interação mais visível, discutindo juntos cenas de improviso. Por exemplo, em um exercício em que propusemos uma atividade com mímica, diante da dificuldade dos colegas, os demais incentivavam solicitando que tentassem outros gestos para interpretar o objeto alvo da mímica ou, quando do mesmo grupo no desafio, sugerindo formas de interpretação. Desta forma, tiramos a interpretação do enfoque individual, ampliando para uma construção grupal, mesmo quando o exercício em si fosse individual.

A interação entre os participantes do grupo, neste sentido, favoreceu a liberdade de expressão, aqui entendida tal como por Freire (1966 *apud* TEIXEIRA, 2007): uma liberdade de caráter existencial que quando aliada à pedagogia do oprimido se transforma em processo educativo de revolução diante da realidade opressora. Logo, elemento essencial para humanização pessoal e existencial.

Prova da maior liberdade de expressão dos participantes da oficina a partir da fortificação do vínculo de confiança grupal é que como realizávamos as atividades na quadra esportiva da escola havia pessoas ocasionalmente presentes no local e diante delas os adolescentes pediam para esperarmos para dar continuidade nas atividades, embora fizessem a atividade que poderia ser tida como constrangedora diante de outros tornar-se construção comum no grupo. Este é apenas um começo, pois o alvo da formação de multiplicadores é justamente expandir para outros grupos. Neste sentido, assumimos a limitação da oficina pelo curto espaço de tempo em que foi desenvolvida com aquele grupo de adolescentes. No entanto, ainda que limitada, não é por acaso de um dos alunos da oficina, ingressando em um curso universitário no ano seguinte, solicitou ingresso no projeto de extensão em que inicialmente foi participante, sendo agora acadêmico voluntário.

Autonomia na criação

Extensão do fortalecimento da liberdade de expressão é a autonomia para a criação. As práticas grupais, neste sentido, só têm a contribuir com o desenvolvimento da identidade e sustentação desta no adolescente. Retomando Bock (2004), se a adolescência é um período em que muitas crises se fazem presentes e o momento de transição para o mundo adulto pode ser um período interessante para construir novas práticas, além daquilo que é esperado que o adolescente venha a ser. Neste sentido, as responsabilidades que se espera que ele assuma, ingressando em um curso superior e/ou no mercado trabalho, podem ser associadas à construção de práticas em prol do desenvolvimento da comunidade em que vive. Mais uma vez trazemos o papel do teatro do oprimido neste sentido: como diria o próprio Augusto Boal, para ser um cidadão não basta viver em sociedade, mas é necessário transformá-la (BOAL, 2003). Este grau de autonomia, acreditamos estar sendo plantado em cada um desses agentes multiplicadores que participaram de nossas oficinas, pois a partir delas buscamos mostrar aos adolescentes o quanto o mundo precisa de pessoas engajadas com o trabalho que desenvolvem, independentemente da área ou local em que estejam atuando.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função pedagógica do teatro do oprimido, a formação de multiplicadores a partir das práticas teatrais, o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes por meio de jogos teatrais. Falar destas questões separadamente é possível e por si só já representam intervenções significativas para o desenvolvimento social. No entanto, acreditamos que articular estas três possibilidades é falar de impulso para transformação social. A consequência final inevitável é a formação de jovens mais engajados com sua realidade e implicados com aquilo que lhes é possível fazer para melhorar o local em que vivem.

Com a oficina de jogos teatrais com adolescentes matriculados no ensino médio de uma escola privada, no município de Irati, visamos instigar os participantes a refletirem um pouco acerca destas responsabilidades que, inevitavelmente, um mundo nos cobra. Nosso diferencial foi que juntamente com a reflexão introduzimos uma ferramenta que ainda estava para ser cultivada no interior de cada um dos sujeitos que nos acompanharam durante aquele semestre. Se nosso objetivo foi pelo menos inicialmente alcançado não podemos saber, mas que algo se transformou não há dúvidas.

Assumimos a limitação de nosso trabalho, pelo curto espaço de tempo em que foi realizado, sendo que apenas um estudo de caráter longitudinal poderia de fato apreender a magnitude da oficina enquanto formadora de agentes multiplicadores. No entanto, encerramos o trabalho com a certeza de que algo havia sido feito por nossa parte: a apresentação do teatro para modificação da realidade social e formas dos adolescentes buscarem-no, posteriormente, caso se interessassem.

REFERÊNCIAS

- BOAL, A. *Teatro de Augusto Boal*. 3. ed. Huditec: São Paulo, 2003.
- BOCK, A. M. B. *Aventuras do Barão de Munchausen na psicologia*. São Paulo: Cortez; EDUC, 1999.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004.
- OLIVEIRA, M. E.; STOLTZ, T. *Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky*. Curitiba: Editora UFPR, Educar, n. 36, p 77-93, 2010.
- PEDRAZZANI, E. S. *et. al.* Capacitação de multiplicadores na área de enfermagem em hanseníase. *Hansen/Int.*, 23(1/2): 27/34, 1998.
- PEIXOTO, F. *O que é teatro*. 10. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- TEIXEIRA, T. M. B. *Dimensões Sócio Educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal*. [tese de doutorado]. Universidad Autonoma de Barcelona, Doctorat Educació I Societat, Departament de Pedagogia Sistemàtica I Social, U. A. B., Barcelona, 2007.